

## Existencialismo Metafísico

### 4 - Biblismo

Igualmente a Ciência, a Religião merece uma crítica. Vamos nos ater as religiões ocidentais, especialmente as cristãs. Para nós, biblismo é uma crítica aos defensores da Bíblia como único fundamento da realidade. Tal fundamentalismo leva ao terrorismo como ato de fé. Ortodoxos, dogmáticos são outros nomes para aqueles que têm um livro sagrado para chamar de seu.

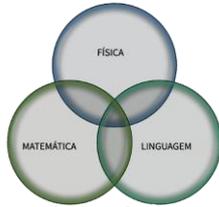
O movimento racionalista do século XVII procurou separar religião da história, artigos de fé da verdade histórica. Spinoza, filósofo holandês, afirmava que a Bíblia foi escrita em sentido figurado e que ela devia ser interpretada de forma crítica e histórica, fruto do contexto hebreu da época e lugar. Ele negava a utilidade de dogmas, rituais sem sentido e criticava a ostentação religiosa. Tentaram matá-lo e foi excomungado.

Também o historiador francês Richard Simon, naquele mesmo século, publica “História Crítica do Velho Testamento” e inicia a crítica bíblica em língua francesa. Nesta obra, ele contesta autoria do Pentateuco (cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) por Moisés, pois o mesmo Pentateuco não afirma ter sido escrito por Moisés. Mas a tradição insiste na autoria mosaica.

A crítica bíblica investiga as escrituras bíblicas como obra humana e não como revelação ou inspiração divina. Busca o quando, onde, quem e para quem surgiu a escrita religiosa, além do conteúdo. A comunicação envolve alguém que envia uma informação para outrem. Em Linguística, um emissor que envia uma mensagem para um receptor, dentro de um contexto, espaço e tempo. Tal investigação conta com outras searas acadêmicas, a Arqueologia, Antropologia, Literatura, entre outras para subsidiar as pesquisas.

A crítica contemporânea trouxe novas abordagens linguísticas na busca do significado dos textos. Surgiu a divisão entre crítica histórica e a crítica “literária”. Enquanto a crítica histórica localiza o texto no tempo e no espaço, a linguística estuda o texto em si, quem poderia ser o autor e o público dos textos bíblicos.

A Filologia é o estudo de uma língua, juntamente com a sua literatura, com os contextos históricos e culturais, indispensáveis para uma compreensão das obras literárias e de



## Existencialismo Metafísico

outros textos culturalmente significativos. Ela aborda problemas de datação, localização e edição de textos. Filologia compreende o estudo da gramática, estilística, retórica, história, papirologia, a interpretação dos autores, críticos e tradições associadas a um determinado idioma. Estes estudos de textos a partir da perspectiva histórica da linguística permitem as críticas.

### Crítica Redacional

Estudiosos da Bíblia contam milhares de contradições nela, sejam explícitas ou implícitas. A crítica redacional observa e aponta erros de redação na Bíblia de forma inegável. Desde as primeiras páginas do Gênesis, encontram-se incoerências, repetições e contradições: dois relatos das origens, apesar de suas diferenças, contam de maneira dupla a criação do homem e da mulher; duas genealogias de Caim; dois relatos combinados do dilúvio; incoerências internas ao texto bíblico, como em Êxodo. Na história patriarcal, há duas apresentações da aliança com Abraão; duas expulsões de Agar; três relatos da desventura da mulher de um patriarca em país estrangeiro; provavelmente duas histórias combinadas de José e de seus irmãos nos últimos capítulos do Gênesis.

Vejam contradição na criação:

Gênesis 1: 27 E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher;

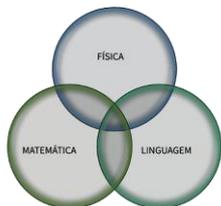
Gênesis 2: 7-22 Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente.(...)Javé Deus disse Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante (...) Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem.

A contradição é: o homem foi criado juntamente com a mulher, ou foi criado primeiro que a mulher? Ou Deus teria feito o homem inicialmente para ser assexuado?

Outra contradição: Gênesis 1:31 E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom.

Gênesis 6:6 Então Javé se arrependeu de ter feito o homem sobre a terra, e seu coração ficou magoado.

Deus ficou satisfeito ou arrependido com o que havia feito?



## Existencialismo Metafísico

A Bíblia também tem dois textos do Decálogo: Êxodo 20 e Deuteronômio 5. Pergunte-se: por quê? Erro de Javé ou dos Homens? A próxima crítica nos responderá.

### Crítica das Fontes

A crítica das fontes é a busca de autores (fontes) originais que estão por trás do texto bíblico. A Hipótese Documentária ou hipótese de Wellhausen em homenagem ao seu autor Julius Wellhausen, a partir de análises rigorosas e sistemáticas, imputam a Bíblia uma união de fontes diversas, de diferentes épocas e regiões para formar um manuscrito final, editado por uma tradição tardia. Vale dizer a Bíblia foi escrita por várias pessoas de épocas diferentes. O número destas fontes é fixado como sendo quatro.

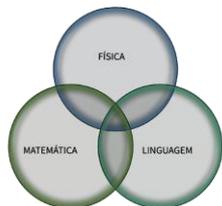
As quatro linhas de tradições literárias foram juntadas e editadas posteriormente para finalizar o Torá. Uma é chamada de javeista ou a fonte de Jerusalém, usa o Tetragrama (do grego 4 letras) YHVH como o nome de Deus. Esta fonte indica atividade no reino do sul de Judá na época do reinado dividido. Ela é responsável pela maioria do Gênesis. Outra, a elohista, usa Elohim com o nome divino até Êxodo, onde o Tetragrama é revelado a Moisés e a Israel. Essa fonte parece ter vivido no reino do norte de Israel durante o reinado dividido. Escreveu algumas partes de Gênesis, de Êxodo e Números.

Outra, a deuteronomista, escreveu quase todo o livro de Deuteronômio e provavelmente também os livros de Josué, Juízes, Samuel. Outra fonte foi a Sacerdotal que forneceu o primeiro capítulo de Gênesis, Levítico e outras partes com informação genealógica da classe de sacerdotes. Um redator final juntou todos os trabalhos e concluiu a Torá como conhecemos hoje.

Há um consenso em torno da hipótese documentária, em razão das várias fontes serem a explicação mais plausível pelas contradições, diferenças de terminologia e teologia, histórias duplas e triplas e os interesses geográficos e históricos constantes no Torá. Esta hipótese tenta conciliar a inconsistência do texto bíblico.

### Crítica Textual

A crítica textual analisa o texto em si para identificar sua origem e traçar sua história. Ela observa os erros nos textos, conforme gerações de escribas reproduziam seus manuscritos. Quem nunca praticou a dinâmica de grupo, em que um monitor conta uma história para um



## Existencialismo Metafísico

membro do grupo, que conta pra outro, que conta pra outro, até o último membro do grupo? Ao final, a história está completamente diferente da origem. Isto em apenas alguns minutos. Imagine o que ocorre em anos, décadas, séculos de história. Os escribas copiavam as escrituras, cometiam erros e as cópias de suas cópias também traziam os mesmos erros evidentemente. Os erros formam seguidores de manuscritos: o escriba X produz erros que não estão no manuscrito do escriba Y. Com o tempo, os seguidores dos textos descendendo de X e Y divergirão ainda mais e mais, conforme os erros são copiados por escribas posteriores.

Tais erros serão sempre identificáveis como descendendo de um ou de outro. A crítica textual estuda as diferenças entre essas famílias para formular uma ideia de como se parecia o texto original. Quanto mais cópias sobrevivem, mais precisa é a reconstrução da crítica.

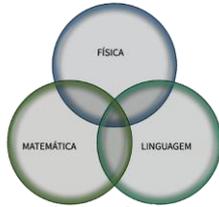
### Arqueologia Bíblica

Moisés só existe na Bíblia e nas religiões. Não há um Moisés histórico, nem arqueológico, quiçá real. Nem mesmo há registro histórico ou arqueológico da narrativa do Êxodo. Nem mesmo existia o monte Sinai, escolhido aleatoriamente mais de 1000 anos depois. Tal relato é uma história póstuma, ou melhor, foi escrita cerca de 600 anos depois. No entanto há frágeis indícios de outros patriarcas hebreus, mas não tão heróis e nem habitavam extraordinários reinos, conforme nos diz a Bíblia. Se eles existiram, eram apenas líderes tribais, inexpressivos politicamente. Se não há registro de Moisés, muito menos o do Decálogo.

Arqueologia bíblica funciona como a arqueologia geral, promovendo escavações e datações. Seu objeto de estudo são restos materiais, relacionados direta ou indiretamente com os relatos bíblicos e com a história das religiões judaico-cristãs. Tenta reconstruir as civilizações de épocas históricas. Textos antigos descobertos são comparados com de outras sociedades contemporâneas da Europa, Mesopotâmia e África.

Esta investigação também abrange conceitos imateriais, como o mito, o rito, o sagrado e o culto. A história e arqueologia geral usam os mitos em uma nova percepção contemporânea. Eles são objeto cientificamente observáveis e servem como um indício para outras provas. Funciona como o inquérito policial, o processo judicial e administrativo onde não se deve analisar uma prova isolada, mas sim o conjunto probatório.

Assim como todas as ciências, a arqueologia bíblica tem suas próprias especializações e seu trabalho interdisciplinar. A arqueologia bíblica trabalha em conjunto com outras disciplinas,



## Existencialismo Metafísico

como a Antropologia, a Geologia e outras ciências, que permitem ter uma ideia do mundo antigo. Outras disciplinas aproveitam os resultados dela, como a filosofia e a teologia.

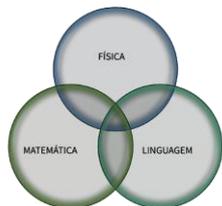
A Papirologia tem uma relação especial com a arqueologia em geral, sendo uma das maiores autoridades em terreno bíblico. Papiros são documentos mais antigos e as mais importantes provas da antiguidade e originalidade de um texto. Com eles tem sido possível determinar a datação de numerosos documentos antigos e a legitimidade ou não de seus autores.

Os critérios de espaço bíblico variam segundo os diversos pontos de vista dos diversos estudiosos. Igualmente acontece com os critérios do tempo, ou seja, do período temporal sobre o qual as pesquisas devem incidir. O tempo de pesquisas bíblicas não são precisos, mas pode abranger o período entre o ano 2000 aC e 100 dC. O espaço geográfico focam Israel, Palestina, Jordânia, o Egito, Síria e a Mesopotâmia. Há outros locais, como Grécia e Roma, relacionados com o Novo Testamento.

Hodiernamente os territórios bíblicos contêm escavações, sítios arqueológicos e museus. A arqueologia marca eras históricas e reinos, modos de vida e comércio, crenças e estruturas sociais bíblicas. Sítios arqueológicos são preservados e estudados para o conhecimento de algumas informações históricas, contidas na Bíblia e envolve governantes, personagens, batalhas e cidades. Entre os principais sítios temos: as cavernas de Qumrán, o sítio arqueológico bíblico mais importante de todos os tempos, no vale do Mar Morto; a Igreja do Santo Sepulcro; um complexo de sítios que compreende o alegado túmulo de Jesus e o Calvário. A reconstrução de Jerusalém do Século I foi promovida pela arqueologia bíblica.

Arqueólogos não deveriam ter influências teológicas e nem filosóficas. A Bíblia deveria ser alvo de estudo imparcial, sem negá-la ou defendê-la. Mesmo assim há essas ingerências nos debates entre estudiosos sobre autenticidade e historicidade de registros bíblicos. A falta de confiabilidade nas escrituras promoveu pesquisas arqueológicas, mas a polêmica continua. Estudiosos contestaram a historicidade da Bíblia, imputando-lhe apenas artigo de fé e dividiu os estudiosos em duas correntes de pensamento: o minimalismo e o maximalismo.

O minimalismo bíblico advoga que o Pentateuco é um amontoado de contos e fábulas, mas não a história da pré-história do povo hebreu. Não existia a escrita na época do Pentateuco. O professor de Estudos Bíblicos na Universidade de Sheffield, Inglaterra, P.R. Davies, em seu livro “Em Busca do Antigo Israel”, publicado em 1992, assevera que o Israel



## Existencialismo Metafísico

histórico é encontrado nos restos arqueológicos. O Israel bíblico encontra-se somente nas escrituras, sendo um conjunto de fábulas de alguns poucos judeus.

Continuam os minimalistas. Não há solidez histórica das narrações bíblicas nas pesquisas arqueológicas e, assim, os patriarcas bíblicos são tidos como ficção, como as tribos de Israel, os reis David e Saul ou a unidade da monarquia de David e Salomão. Abraão era mercador e utilizava camelos na Bíblia, mas estes, arqueologicamente e historicamente, só foram domesticados 500 anos depois. O sítio arqueológico de Jericó, ao contrário do que diz o relato bíblico, não tinha muralhas na época da invasão hebraica.

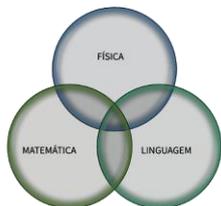
A arqueologia demonstra que os hebreus eram ágrafos até por volta do século IX ou VIII a.C. Se Javé escreveu hebraico com raios em pedras em seus dez mandamentos, os hebreus não poderiam ter lido suas leis.

A primeira parte da Bíblia, uma versão inicial de Deuterônimo, data do rei Josias que reinou em Judá entre 640 e 609 a.C.. Depois o rei da Babilônia, Nabucodonosor, conquistou a Palestina, tomou a capital de Judá, Jerusalém, e levou aprisionados vários judeus para a Babilônia. Na última revolta de Zedequias, filho de Josias, Nabucodonosor arrasa Jerusalém, em 586 a.C..

Os maximalistas concordam em parte com as descobertas da arqueologia e os modernos estudos bíblicos. Porém sustentam que as narrações bíblicas são referências históricas e os escritos mais recentes possuem maior solidez histórica que os mais primitivos. Eles estão divididos quanto a alguns temas: uns sustentam que os patriarcas foram na realidade personagens históricos, apesar dos relatos bíblicos sobre eles não serem precisos; outros afirmam que os patriarcas bíblicos têm uma pequena relação com os distantes personagens históricos.

De qualquer forma, eles têm uma visão crítica do Pentateuco, com menos história e mais invenção. Hodiernamente não se acredita que a Arqueologia apresente qualquer prova da existência dos patriarcas. Entretanto alguns ainda sustentam, com uma pinça na Bíblia, que os patriarcas são personagens históricos apesar dos relatos bíblicos sobre eles não serem precisos.

O consenso historiográfico hoje é de que a Bíblia é um documento como outro qualquer para a construção da história dos hebreus. Portanto, do ponto de vista historiográfico,



## Existencialismo Metafísico

a leitura da Bíblia envolve a mobilização de instrumentos de crítica que ajude a ler o documento de forma objetiva, procedimento igualmente aplicado a qualquer tipo de estudo histórico.

Toda a história bíblica anterior à monarquia é considerada uma construção póstuma. O mais provável é que esses reinados sequer tenham existido, já que não existem fontes arqueológicas que corroborem a existência de uma grande unidade política na Palestina desse período.

Há os que advogam a historicidade dos patriarcas e seus reinos, embora em níveis menores do que aqueles esboçados pelo relato bíblico. De qualquer forma, as evidências arqueológicas são extremamente contrárias à existência dos patriarcas e de um grande reino hebraico.

### Crítica do Discurso Religioso

O pastor caminha para o púlpito com o livro preto debaixo do braço, com seu terno igualmente preto. Sobe no altar e sentencia:

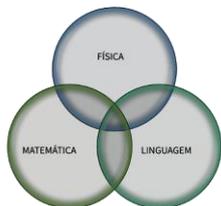
- Esta é a palavra de Deus.

Este micro teatro nos leva a pensar: a Bíblia é a palavras de Deus? Mas se a Bíblia é palavra de Deus, o Alcorão não o é? Cristãos e muçumanos têm seus deuses e suas escrituras sagrada e querem, como o povo judeu, exclusividade. Querem um deus pra chamar de meu.

A Bíblia, numa rápida síntese, é composta de duas partes, sendo a primeira denominada Velho Testamento, onde se encontra também o Torá, livro sagrado da religião israelita, traz Deus como principal personagem. Neles se podem encontrar relatos da cultura, economia, história e mitologia do povo hebreu, mas adotado pela Igreja e por todo Ocidente.

Na segunda parte temos o Novo Testamento, o Evangelho de Jesus, relatado por Mateus, Lucas, João e Marcos. Nele encontramos a vida, obra e morte de Jesus. Os personagens centrais da narrativa, Deus e Jesus, apresentam duas teologias diferentes: a teologia da guerra e a teologia do amor. Tão diferentes que os judeus negaram a teologia de Jesus e ainda cultuam a teologia da guerra. Inclusive literalmente com seus vizinhos árabes.

Numa análise direta e literal, observa-se que o popular livro preto não trata da “palavra de Deus”, mas das palavras, das frases, dos parágrafos, dos capítulos, em fim, de um livro, ou vários, de Deus. Este texto para ser texto divino obedece a regras internas da sintaxe, da



## Existencialismo Metafísico

ortografia, da semântica, da gramática. Assim, a bem da precisão do Absoluto (pelo menos Absoluto que se preze, senão teríamos imprecisão e não mais seria Absoluto), dever-se-ia dizer: “estas são as palavras, as frases, os capítulos, os livros, as sintaxes, as ortografias, as gramáticas de Deus”. Num resumo: este é o texto de Deus.

Linguisticamente vemos a Bíblia como um texto e todo texto tem contexto. Apesar de todo idioma tentar a unificação, a língua varia conforme o contexto. Assim o nosso português, a título de exemplo, varia no tempo e no espaço. Essas diferenças podem ser fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas. Além destas variáveis diretas, temos outras tantas indiretas como de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais.

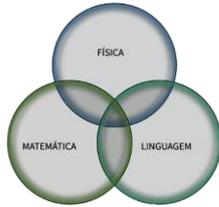
Se alguém quiser ser preciso, tem que levar em conta todas as variáveis. Do macro para o micro: eu falo a língua portuguesa do Brasil, da Bahia, em Porto Seguro, como homem de 40 anos, nível pós-graduado, classe média, etc. Levado ao extremo se pode dizer, amigo leitor, que você tem uma língua só sua.

Além destas variações no espaço, trazemos variações no tempo. Vale dizer, a língua muda no tempo. Com o tempo, estrangeirismos, gírias, a cultura vai sedimentando palavras e expressões em nós. A mudança está em nós e está em nossa língua. Porém em paralelo a esta força da mudança, outra força se faz igualmente necessário. A força da conservação. Gramáticos prescrevem regras para o funcionamento da língua; dicionaristas tentam definir os significados precisos das palavras; a ortografia é imposta por decreto-lei governamental.

Por tudo que a Linguística nos oferece, fica difícil sustentar que a Bíblia é a “palavra de Deus”. Como pode a igreja pregar um Deus grandioso e onisciente sem ciência de seus próprios princípios naturais? Não há o mínimo de racionalidade nisso. Se não houver questionamentos, sobrará apenas a equivocada fé cega. Ah! Sobra também a indústria da fé que produz igrejas milionárias.

Padres e pastores, em seus alteres, asseveram que estão pregando a “palavra de Deus”. Apesar das palavras serem ditas por homens, a Igreja entende que tais palavras foram inspiradas por Deus. Tais palavras seriam, assim como o Absoluto, imutáveis, eternas, para todo o sempre.

As palavras criam conceitos, ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo. O Direito



## Existencialismo Metafísico

organiza a realidade ao classificar infrações penais em crimes e contravenções. Esta graduação penal não existe na natureza, mas esta classificação trouxe uma organização social e jurídica.

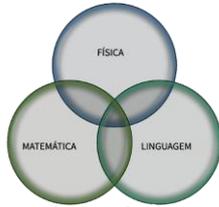
O pensamento constrói representações das coisas e opera sobre elas. Ele não espelha o mundo. Diferentemente ele classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela linguagem.

A linguagem liga o homem a sociedade e a natureza. Com ela o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua, numa palavra, são signos. Com eles, o homem pensa, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ele visualiza o passado, presente e futuro. Enfim dá sentido ao mundo e a si mesmo.

A Arte, a Religião, a Ciência e a Filosofia utilizam a linguagem para retratar a realidade. A religião precisa ser expressa pela comunicação. Da mesma forma que outros sistemas de conhecimento, o teológico tem regras, lógica e vocabulário próprios. Este conhecimento permite um crente participar do processo religioso. A linguagem religiosa relaciona e integra fiéis ao Criador dentro de um sistema teológico. Ela também constrói uma verdade para os crentes. A identidade religiosa baseia na linguagem e forma um pensamento homogêneo. Com isto a linguagem é o coração das religiões.

O discurso religioso enaltece o texto sagrado, base das religiões. Tal escrita sempre é revelada a um profeta escolhido por um deus que dita o texto. Este passa a ser chamado de “a palavra de deus”. Tais escritos constituem, geralmente, de um conjunto de narrações, mitos, rituais, dogmas, verdades absolutas e inquestionáveis, interpretado exclusivamente pelo clero. Alguns apropriam destes textos e afirmam serem os intérpretes divinos, elo entre o todo poderoso e os fiéis. Constroem templos e uma classe hierárquica clerical, elegem objetos, imagens e lugares sagrados. Asseveram ser representante divino, mas sem procuração.

O discurso teológico induz a fé cega em textos e configura a verdade absoluta para o crente. Nada retira a verdade absoluta das escritas sagradas para seus seguidores, nem mesmo contradições e nem mitologias que permeiam todas as escrituras religiosas. A canonização de textos os torna sagrados e por isto imutável. Isto leva para unidade linguística e cultural de uma sociedade, fortalece instituições religiosas e políticas. As escritas sagradas funcionam como um organizador social, como o velho sistema de castas indiano, oriundo das antigas escrituras



## Existencialismo Metafísico

Vedas. O não cumprimento das determinações sagradas constitui crime contra deus, ou pecado.

A verdade para um crente não o é para um não-crente ou fiel de outra religião. Um sistema teológico exclui todos os outros. Isto leva a autoritarismos e imperialismos. As duas religiões monoteístas, cristianismo e islamismo, são exclusivistas (a verdade é só de cada uma delas) e imperialistas (devem buscar fiéis de outras religiões, alguns até com emprego de violência).

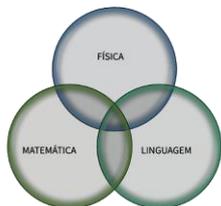
Cristãos chamam a Bíblia de “a palavra de deus”, contudo seus pregadores trazem uma grave contradição: no contexto que ela dita, falava-se o hebraico. Então a palavra de Deus era hebraica. A tradução para o Latim, então, não poderia ser chamada de a palavra de deus. Qualquer tradução deixaria de ser “a palavra de deus” para ser “a tradução da palavra deus”.

O livro sagrado foi escrito em Latim, por isto, até recentemente, rezava-se as missas em Latim. O povo nada entendia e nem era para entender nada mesmo, pois a igreja queria o monopólio da “palavra de deus”. Lutero teve a nobre missão de amenizar este desacerto, ao permitir a livre interpretação e tradução da Bíblia.

Autoridades eclesiásticas canonizam e declaram seus textos sagrados, mas as críticas histórica e literária atribuem tais textos aos homens. Há também crítica lógica como a defesa da entidade opositora de Deus (vulgarmente conhecida como diabo, demônio, capeta) que retira atributos divinos (onipotência, onisciência). Pior, estas incoerências são inquestionáveis, pois se trata da palavra de deus. Os fiéis não podem pensar, nem questionar a fé cega.

A linguagem teológica das doutrinas cristãs interpreta a Bíblia e espera acatamento dos fiéis. Não permite outras interpretações, pois são consideradas heréticas e no passado tais interpretações foram para a fogueira da inquisição junto com seus autores. Destarte a Igreja ambiciona unicidade de interpretação e almeja precisão, como a comunicação científica. Acontece que a Bíblia tem claramente fragmentos de mitologia e poesias e, como tais, permitem mais de uma interpretação. Neste particular, a Bíblia passa a ser aberta a várias interpretações e aproxima da Literatura. Além destes problemas há também problemas linguísticos e históricos da Bíblia, como autoria, data da escrita e da sua publicação e questões de ordem semântica.

Poderíamos então dividir a Bíblia em duas partes: uma que permite várias interpretações, como as que têm aspecto poético e ficção mitológica; e outra que tem o

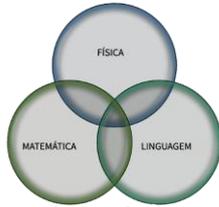


## Existencialismo Metafísico

aspecto legal e histórico e que deveria ter única interpretação. Mas mesmo esta parte invariável é criticada e acaba ocorrendo várias interpretações. Usaremos uma crítica gramatical do decálogo para ilustrar as muitas interpretações possíveis do que deveria ter interpretação única.

Segundo relato bíblico, Moisés recebe o Decálogo de Deus em duas pedras. A linguagem arcaica do hebraico não possuía pontuação nem de divisão das frases. Isto resultou não em tradução única, mas numa celeuma de interpretações, a critério das religiões, para dividir o texto hebreu em 10 mandamentos. Evangélicos, católicos, judeus e ortodoxos não se entendem e trocam acusações de adulteração da Bíblia. Se o leitor comparar a Bíblia dos judeus, dos evangélicos e dos católicos, teremos 12 mandamentos e não 10. Vejamos em Êxodo 20, retirado do site católico <http://www.bibliacatolica.com.br>:

1. Então Deus pronunciou todas estas palavras:
2. “Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.
3. Não terás outros deuses diante de minha face.
4. Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra.
5. Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam,
6. mas uso de misericórdia até a milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.
7. “Não pronunciarás o nome de Javé, teu Deus, em prova de falsidade, porque o Senhor não deixa impune aquele que pronuncia o seu nome em favor do erro.
8. Lembra-te de santificar o dia de sábado.
9. Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra.
10. Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros.
11. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que contêm, e repousou no sétimo dia; e por isso. o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.



## Existencialismo Metafísico

12. Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus.

13. Não matarás.

14. Não cometerás adultério.

15. Não furtarás.

16. Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.

17. Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.”

Ficam assim mais ou menos os mandamentos:

1 - Eu sou o SENHOR, o teu Deus;

2 - Não terás outros deuses além de mim;

3 - Não farás para ti nenhum ídolo;

4 - Não tomarás em vão o nome do SENHOR, o teu Deus;

5 - Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo;

6 - Honra teu pai e tua mãe;

7 - Não matarás;

8 - Não adulterarás;

9 - Não furtarás;

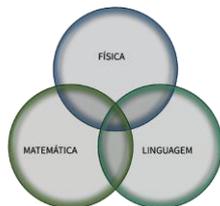
10 - Não darás falso testemunho contra o teu próximo;

11 - Não cobiçarás a casa do teu próximo;

12 - Não cobiçarás a mulher do teu próximo.

Mas a conta aumenta se considerar cada verbo como um mandamento. Alguns não foram considerados como mandamentos autônomos: não cobiçar o servo do próximo; não cobiçar a serva do próximo, não cobiçar o boi do próximo, não cobiçar o jumento do próximo.

O judaísmo considera um mandamento a apresentação do Senhor (1), enquanto a evangélica considera apenas um prefácio, mas as duas consideram apenas um mandamento os dois últimos (11 e 12). A igreja Católica considera os dois últimos mandamentos (11 e 12) independentes e desconsidera o primeiro por ser uma afirmação e unifica o 2º e 3º mandamento.



## Existencialismo Metafísico

A considerar a tese de Santo Agostinho que individualizou dois mandamentos da cobiça (desejar a mulher e a casa do próximo) e negou as outras quatro cobiças (servo, serva, boi e jumento) como autônomas, pode-se interpretar que todas as cobiças seriam um mandamento autônomo e que há 16 mandamentos e não 10. Entretanto se considerar cada verbo do texto hebraico como um mandamento autônomo a soma aumenta.

Em síntese, as linguagens religiosas consideram seus textos sagrados e querem interpretação similar as linguagens científica e filosófica. Porém seus textos contêm poesias e mitologias, levando a subjetividade e pluralidade de interpretações. A pluralidade de interpretações ocorre mesmo em textos de aspectos legais. Os textos sagrados ainda têm contradições, ambiguidades, falta de clareza. Por estas e outras os discursos religiosos não têm credibilidade em razão da fonte duvidosa. Desta maneira, precisamos de alternativas e nossa filosofia é candidata, pois tem uma abordagem racional e diferenciada da realidade.